



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **Objetos Mundanos e Objetos Colecionáveis: serialidade, complementaridade e preservação de historicidades <sup>1</sup>**

**Wagner Alexandre Silva<sup>2</sup>**

**ESPM**

### **Resumo**

Todos os objetos desse mundo podem se tornar parte de uma coleção, desde que lhes seja imputada uma capacidade testemunhal. Uma vez que tenham sido testemunhas de algo importante na vida de uma pessoa, grupo social ou uma instituição. os objetos do dia a dia que fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas no mundo inteiro, passam a desempenhar “um papel regulador na vida cotidiana, [pois] neles são abolidas muitas neuroses, anuladas muitas tensões e aflições [e] é isto que lhes dá uma ‘alma’, é isto o que os torna ‘nossos’ ” (BAUDRILLARD, 1973, p. 98). Aprofundar o entendimento de como os objetos mundanos passam de uma dimensão corriqueira àquela extraordinária, somente detida por um objeto colecionável é o que propõe-se no presente estudo.

**Palavras-chave:** Colecionismo; Memória; Objetos Colecionáveis.

### **1. INTRODUÇÃO**

Ao vislumbrarmos registros históricos de todas as épocas, percebemos que, ao menos aparentemente, todos os objetos existentes em nosso mundo, desde tempos remotos aos atuais, podem se tornar parte de uma coleção, bastando-lhes que lhes sejam imputada uma capacidade testemunhal, ou seja, que tenham sido testemunhas de algo importante para uma pessoa, grupo social ou uma instituição<sup>3</sup>, servindo os museus de mais diversificados ao redor do mundo como provas dessa afirmação.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 07 – Comunicação, consumo e memória: cenas culturais e midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM-ESPM. e-mail: w\_alex\_silva@ymail.com

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário Michaelis de Português Online: instituição ins-ti-tu-i-ção sf 7 Organização pública ou privada, regida por estatutos ou leis, cujo objetivo é satisfazer as necessidades de uma sociedade ou de uma comunidade de projeção mundial. 8 FIG Qualquer pessoa ou coisa de grande representatividade utilizada como referencial: Chico Buarque é uma instituição na MPB. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/institui%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 07 abr. 2018.



A relevância trans-histórica do procedimento colecionista faz com que assuma diferentes formas em cada momento histórico, compondo um complexo sistema de funções e finalidades, com implicações cognitivas e culturais que jamais deixaram de acrescentar qualidades à espécie, em seu desenvolvimento cultural. (MARSHALL, 2005, p. 14)

Como sugerem Valéria Mara Silva e Bernardo Jefferson de Oliveira (2011),

O fenômeno social do colecionismo nos remete a uma série de circunstâncias históricas dadas por diferentes povos, sua geografia e hábitos culturais. Uma imensa gama de artefatos pode compor uma coleção, sendo esta uma instituição universalmente difundida e assentada na oposição entre o visível e o invisível. A dimensão ordenadora do colecionismo opera de tal maneira que os objetos perdem sua utilidade e sob nova disposição são “expostos ao olhar”. Isso implica em cuidados dos mais diversos – confecção de álbuns, fotos, vitrines – além disso, revela um movimento duplo: ao privilegiar determinados objetos, os homens são de certa maneira moldados por eles, uma vez que os objetos impõem comportamentos aos colecionadores. (SILVA, OLIVEIRA, 2011, p. 169)

Deste modo, iniciaremos nosso diálogo com base no argumento trazido por Maria Cristina Castilho Costa (1995) que enfatiza que os objetos pessoais e domésticos “representam, ao menos potencialmente, o ser endógeno do possuidor” (COSTA, 1995, p. 38), deste modo, mesmo antes de serem pensados como parte de uma coleção

[...] por serem os figurantes ou os acessórios de cenário de nossa existência, e outros, por guardarem em si o testemunho de nossas grandes e pequenas façanhas, adquirem um significado especial, chegando a ter uma relação tão íntima conosco que passam a fazer parte de nossa identidade. (COSTA, 1995, p. 38)

Ora, ao avaliarmos tal citação, constatamos que objetos corriqueiros, aqueles que fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas no mundo inteiro, podem acabar gerando tamanho valor simbólico-afetivo para uma pessoa, que passam a ser utilizados como operadores de memórias (O grifo é meu) e, assim, virem a se tornar objetos de uma coleção. Notamos assim que

Todo objeto tem desta forma duas funções: uma que é a de ser utilizado, a outra a de ser possuído. A primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. [...] o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se



objeto de coleção. (BAUDRILLARD, 1973, p. 94)

Se todo objeto possui essas duas funções trazidas por Baudrillard (1973), ao serem possuídos e utilizados, esses objetos do cotidiano e aos quais referiremos nesse estudo como objetos mundanos, possuem presenças totalizantes e constantes no nosso dia a dia, adquirindo pouco a pouco uma certa historicidade (BAUDRILLARD, 1973, p. 82), ou seja, rastros de histórias, pois ao servirem como testemunhas de fatos e acontecimentos de vivências pessoais ou coletivas, podem passar, então, a condição intrínseca de objetos colecionáveis. Como sugere Jean Baudrillard (1973) “[...] os objetos singulares, barrocos, folclóricos, exóticos, antigos [,] parecem contradizer as exigências do cálculo funcional para responder a um propósito de outra ordem: testemunho, lembranças, nostalgia, evasão (BAUDRILLARD, 1973, p. 81)”.

Assim sendo, destituídos de sua função de uso, os objetos agora ao serem incluídos em uma coleção, servem a um indivíduo para a operação de memórias e não como elementos de resgate de memórias (O grifo é meu), pois sendo o ato de lembrar um exercício mental falho, incorre irremediavelmente em lapsos memoriais que são preenchidos aleatoriamente a cada nova tentativa de lembrança, sofrendo, por isto, reconstruções nem sempre fiéis ao ocorrido, já que inconscientemente acrescentamos ou suprimimos detalhes ou informações dos episódios lembrados.

Contudo, para que o objeto mundano seja concebido como colecionável, exige-se, além da apreensão da historicidade, que também preencha a alguns requisitos essenciais, sem os quais sua característica colecionável se tornaria inconcebível, sendo esses requisitos: a serialidade, a complementaridade e a capacidade de preservação da historicidade em meio a ação do tempo.

## 2. A SERIALIDADE E COMPLEMENTARIDADE HISTÓRICA DOS OBJETOS EM UMA COLEÇÃO

A ideia de serialidade nos é apresentada por Baudrillard (1973) ao afirmar que “a coleção é feita de uma sucessão de termos” (BAUDRILLARD, 1973, p. 98), termos estes que se complementam historicamente entre si e que, por fim, remetem ao colecionador. A serialidade e a complementaridade imbricam-se, pois que, cada novo objeto adquirido detém uma porção de tempo que lhe permite completar a historicidade testemunhal de um outro anterior, mas que, por sua vez, necessita de um que o complete, levando aquilo que, fazendo uso dos argumentos trazidos por





Jean Baudrillard (1973), observamos tratar-se de algo similar ao “jogo serial” (BAUDRILLARD, 1973, p. 98) descrito pelo autor. Um jogo cuja regra máxima estabelece que a coleção se constitui de uma aquisição infinita de objetos, o que nos leva a pensar que a coleção nunca se dará por completa. A incompletude da coleção na prática colecionista, se caracteriza, em outras palavras, pela aquisição constante de itens, no afã de complementar a historicidade dos objetos detidos pelo colecionador.

Cabe ressaltar, por fim, que, conforme afirma Jean Baudrillard (1973), a recuperação de tempo pretendida pelo colecionador ao adquirir um dado objeto, “não se trata, é claro, [da recuperação] do tempo real, [pois] são os signos, ou indícios culturais do tempo, que são retomados no objeto antigo” (BAUDRILLARD, 1973, p. 82).

Qualquer objeto dotado de uma historicidade, em sua essência, pode vir a ser considerado como colecionável. No entanto, a designação como objeto de coleção, só lhe caberá a partir do momento em que for inserido em uma lógica serial, em outras palavra ou seja, em uma coleção. Em suma, muito embora um objeto esteja impregnado de uma historicidade, a sua simples e isolada posse não nos permite declará-lo como um objeto de coleção, mas apenas em determinada instância como um objeto colecionável, pois, somente se ou quando, num dado instante, for ele incorporado em um conjunto de objetos dotados com historicidades que se complementem entre si, é que lhe será possível atuar efetivamente como um operador de memória.

### **3. A SUSCETIBILIDADE TEMPORAL DO SER VIVO E A PRESERVAÇÃO DA HISTORICIDADE EM MEIO A AÇÃO DO TEMPO**

Uma outra condição que nos parece óbvia, mas que geralmente nos escapa a uma discussão mais aprofundada quando falamos sobre colecionismo, diz respeito à natureza inanimada dos objetos colecionáveis. Para que sejam considerados como tais, ou seja, colecionáveis, os objetos devem primordialmente ser inanimados. Mesmo que outrora, originalmente não tenham sido em sua natureza inanimados, ao serem incorporados em uma coleção, deverão obrigatoriamente serem transformados em algo que venha a constituí-los primariamente como inanimados.

Partindo-se desta máxima, trazemos ao estudo a premissa de que não existia a possibilidade de um ser vivo vir a ser considerado como um objeto colecionável. Essa natureza não-colecionável do ser vivo, se dá por sua suscetibilidade ao tempo, em outras palavras, por estar vivo, está sujeito a um ciclo de vida (nascimento, crescimento, envelhecimento e morte), não lhe sendo permitido, por



isto, preservar em si próprio registros históricos permanentes<sup>4</sup>, um requisito prévio exigido de todos os objetos mundanos para que possam se considerados colecionáveis. E ao pensarmos nisto, observamos que o acondicionamento de seres vivos em um grupo ou conjunto específico, configurar-se-ia como um criadouro (estábulo, viveiros, aquários, etc.), no caso de animais e insetos, ou estufas (orquidários), por exemplo, no caso de plantas.

### 3.1. Processos de objetificação de seres mortos

Ao analisarmos com um pouco mais de profundidade o que vem a ser esta natureza não-colecionável do ser vivo, constatamos que, como mencionado, o ser vivo, durante o seu curso de existência é incapaz de se manter imutável, constante, permanente, devido ao próprio processo de transformação e envelhecimento de seu organismo. Entretanto, o corpo animal, especificamente, quando morto, encerra o seu ciclo de vida, passando a estar sujeito aos chamados Fenômenos Transformativos do Cadáver (SILVEIRA, 2015, p. 167), que se dividem em dois tipos: os Destrutivos, composto pela autólise, putrefação e maceração; e os Conservadores, composto pela mumificação e pela saponificação. E dentre esses, abordaremos com mais de atenção os fenômenos da putrefação e o da mumificação.

Segundo Paulo Roberto Silveira (2015), em Fundamentos da Medicina Legal, a putrefação consiste na “decomposição das matérias albuminódes, com produção de gases pútridos” (SILVEIRA, 2015, p. 168) e ainda conforme esse autor, a sua marcha (SILVEIRA, 2015, p. 168-169) está sujeita a Fatores Intrínsecos (idade, constituição e causa mortis) e Extrínsecos (temperatura, umidade, ar-ventilação, condições do solo e vestes do cadáver). O Fenômeno Transformativo do Cadáver Destrutivo da Putrefação está subdividido em quatro períodos distintos: 1º período – da coloração ou das manchas; 2º período – gasoso; 3º período – coliquativo; e 4º período – esqueletização (SILVEIRA, 2015, p. 169); interessando-nos somente o último desses períodos.

Ao atingir o período de esquelitização “as partes moles do cadáver vão sendo destruídas e consumidas pelas bactérias e pela ação do terreno e do meio ambiente, até que só restam os ossos” (SILVEIRA, 2015, p. 171). Dependendo das causas da morte o esqueleto pode vir a estar repleto de uma certa historicidade, que permitiria, então, objetificá-lo e, assim, uma vez mundanamente

---

4 A acepção de permanente (O grifo é meu), neste estudo, é dada com o mesmo significado das palavras: constante, contínuo, definitivo, duradouro, efetivo, estável, fixo, incessante, ininterrupto, interminável, invariável, perdurável, perpétuo.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

objetificado, poderia vir a ser considerado como colecionável, tornando-se digno de fazer parte de uma coleção.

Tomemos como um exemplo de esqueletos de seres vivos mundanamente objetificados, os ossos de animais pré-históricos. Testemunhas de épocas geológicas passadas de nosso planeta, os esqueletos de diversos animais dispostos nos museus de zoologia e história natural ao redor do mundo, complementam-se historicamente, constituindo-se como provas de que esses animais realmente existiram naqueles tempos remotos.

### O Fenômeno Transformativo do Cadáver Conservador da Mumificação

[...] se produz espontaneamente, quando o cadáver encontra condições especiais, a saber: temperatura elevada, ambiente seco e arejado. Tanto ocorre no cadáver exposto ao ar, como no sepulcro. Estas condições são encontradas em regiões desérticas, como no Saara e no nordeste brasileiro. Nestas condições, o cadáver desidrata rapidamente, inibindo a atividade bacteriana, impedindo ou interrompendo o processo de putrefação, e nestas condições, o cadáver se conserva indefinidamente. O cadáver tem um aspecto enrugado, de volume e peso diminuídos, e a pele tem tonalidade escura, é dura, com consistência de couro seco. (SILVEIRA, 2015, p. 172)

Assim como ocorre com o corpo transformado em esqueleto pelo 4º período do Fenômeno Transformativo do Cadáver Destrutivo da Putrefação, o corpo mumificado, também pode ser passado à categoria de objeto, se tornando, por isto, igualmente, propenso a deter uma certa historicidade, daí colecionável e, por fim, vir a figurar como um objeto de coleção e ser utilizado, assim, como um operador de memória.

Um exemplo de objetificação de um animal morto e que é amplamente conhecido, principalmente daqueles que já tiveram algum contato com o litoral brasileiro

### 3.2. Taxidermização e colecionismo

Uma outra forma de objetificação do corpo animal morto e que pode ser utilizada estritamente para fins colecionistas é a taxidermização, uma técnica que segundo AURICCHIO e P.; SALOMÃO M. G. (2001)

[...] consiste em remover a pele natural de um animal já sem vida, para depois de devidamente tratada, ser reutilizada na reconstrução desse mesmo animal sobre um corpo artificial, dando - lhe posteriormente uma aparência viva e recriando, na maioria das vezes, o habitat natural em





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que este se movimentava/inseria. (AURICCHIO, P.; SALOMÃO M. G., 2001)

Partindo-se desta premissa, vislumbremos, então, a taxidermia utilizada para a construção de um acervo de um colecionador, tomando como exemplo deste raciocínio uma coleção de animais empalhados de um caçador. Como cadáver – um estágio somente possível a um ser que tenha estado vivo –, animais mortos jamais receberiam a designação de objetos colecionáveis, mesmo que viessem a guardar em si a particularidade testemunhal de terem sido abatidos durante uma caçada. O porque de tal afirmação encontra base nos argumentos trazidos anteriormente sobre o Fenômeno Transformativo do Cadáver Destrutivo da Putrefação. Entretanto, quando objetificados, ou seja, taxidermizados, esses animais se convertem em objetos – objetos mundanos –, portanto, aptos de guardarem em si uma dada historicidade, por não estarem mais propensos a se decomporem, o que permite em última instância a possibilidade de serem considerados como objetos colecionáveis.

Possuindo o colecionismo diversas finalidades, dada a análise suscitada no presente estudo de objetificação de animais e plantas mortos para fins colecionistas, cabe também ressaltar as chamadas coleções biológicas e coleções botânicas.

Segundo Camargo et al. (2015),

As coleções biológicas constituem-se de materiais biológicos (organismos ou partes desses) devidamente tratados, conservados, organizados e sistematizados, cujas finalidades são: científica, didática, particular, de segurança nacional, de serviço, dentre outras. (CAMARGO et al., 2015, p. 11)

Desta forma, o colecionismo entomológico, ou seja, a prática de se colecionar insetos, quer para finalidades pessoais ou para científicas, utiliza-se de técnicas específicas para também objetificar os insetos mortos, propiciando que possam vir a se tornar colecionáveis, ao lhes ser incorporada reminiscências históricas, de tal maneira, que, assim, permite-se estabelecer vínculos temporais entre os insetos trazidos para dentro de uma coleção. Ainda sobre essa prática em particular, Camargo et al. (2015) elucida que “a formação de uma coleção entomológica normalmente envolve os seguintes passos: coleta, montagem, etiquetagem, identificação, incorporação e manutenção do material” (CAMARGO et al., 2015, p. 19) e sua posse, mesmo sendo os insetos abundantes em nosso território e sua coleta dificilmente venha a causar algum impacto no tamanho dessas populações, necessita-se de licença junto aos órgãos de ambiente competentes para



que seja devidamente autorizada.

### 3.3. Colecionismo botânico

Um outro delineamento da prática colecionista é a chamada coleção botânica, que “são reuniões ordenadas de vegetais ou partes deles para fins científicos” (FONSECA, VIEIRA, 2015, p. 6). Entretanto, neste estudo trazemos ao diálogo o colecionismo botânico para fins pessoais, que embora distancie-se do Campo da Ciência, preserva em sua essência as mesmas técnicas e cuidados utilizados para a manutenção de tais acervos.

A coleção botânica pode ser constituída de plantas vivas ou mortas e se apresentam comumente como: Herbários, Carpotecas, Xilotecas, Palinotecas, Laminários de Células e Tecidos Vegetais, Bancos de Germoplasma, Hortos Botânicos e Jardins Botânicos (FONSECA, VIEIRA, 2015, p. 6), dos quais não abordaremos as referentes a Palinotecas, Laminários de Células e Tecidos Vegetais e as Bancos de Germoplasma, Hortos Botânicos e Jardins Botânicos por escaparem aos argumentos e análises específicas propostas neste estudo, relativas a objetificação específica de animais e plantas mortas, para se constituírem como objetos mundanos.

O herbário que diz respeito a uma “coleção de plantas ou de partes delas secas” (FONSECA, VIEIRA, 2015, p. 7), a carpoteca que tem por fim a coleta de frutos que podem ser “armazenados secos [...], em potes de vidro, caixa de madeira ou sacos plásticos” (FONSECA, VIEIRA, 2015, p. 21) e a xiloteca constituída da coleção de “pedaços de madeira desidratados [...], preparados segundo técnicas específicas e devidamente armazenados” (FONSECA, VIEIRA, 2015, p. 22); são os tipos de colecionismo que melhor se encaixam nas argumentações defendidas neste estudo, uma vez que, podendo ser constituídas exclusivamente de matérias mortas, ao dotarmos essas plantas e frutos mortos/secos de historicidades, a reminiscência histórica neles incorporados, permitiria-nos, em um dado momento, assumi-los, por fim, como objetos colecionáveis.

Podemos tomar como exemplo, a coleta de amostras de uma determinada planta de uma dada região do Brasil, de um período específico do ano e que, por isto, contém características muito peculiares. Essas peculiaridades ao incorporar-lhes uma historicidade (localização, estação do ano, etc.), permitiria a incorporação desse material coletado em uma coleção.





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

#### 4. CONCLUSÃO

As elucidações acima registradas, permitem-nos conceber que: 1) todo objeto mundano poder vir a se tornar um colecionável desde que lhe seja atribuída uma significação histórico-simbólica; 2) para que um conjunto de objetos configurem-se como uma coleção é necessário que que existam ao menos mais de um objeto colecionável nesse ajuntamento (serialidade) e que as historicidades neles contidas, sejam complementares umas as outras (complementaridade), ou seja, além de preservarem em si uma história, devem, quando reunidos permitir uma correlação histórica, de modo que o colecionador possa promover uma operação memorial dos fatos ou acontecimentos que os cercaram; e 3) que os objetos sejam essencialmente inanimados, em outras palavras, que sejam capazes de resistir e preservar em si a temporalidade exigida de um objeto mundano para que seja considerado um objeto colecionável; e 4) que seres vivos (animais, insetos e plantas) não são colecionáveis, porém, seus corpos quando mortos, podem ser objetificados e, isto posto, podem igualmente resistir e preservar em si aquela mesma temporalidade exigida de objetos mundanos para que recebam a alcunha de objetos colecionáveis.

Longe de sermos capazes de concluir o presente estudo, assinalamos que ao nos darmos conta da existência de reminiscências históricas em quaisquer objetos mundanos, devido as suas presenças constantes em todos os momentos por nós vividos, percebemos que ao longo de nossas vidas, da mesma forma que buscamos resgatar nossas memórias, proporcionalmente, sofremos de lapsos memoriais. Como somos incapazes de apreender o todo que nos cerca de forma íntegra, sempre nos escapará algo aos sentidos, sempre nos faltará algo em nossas lembrança. Desta feita, ao admitirmos, então, os objetos como operadores de memórias, dada as suas disposições à preservação de memórias e ressignificações de lembranças e, por este viés, assumirmos a memória como algo sempre em construção e não puro armazenamento de informações, a transformação dos objetos mundanos – por estarem presentes no nosso cotidiano – em objetos colecionáveis é uma habilidade virtuosa intrínseca do ser humano.

Ainda sob essas perspectivas, podemos entender que também que as constantes tentativas de completamento da coleção (serialidade e complementaridade), angariadas pela eterna busca por novos objetos para a coleção, são, na verdade, esforços para se efetuar o preenchimento de lapsos memoriais de lembranças do colecionador e, assim, toda vez que são inseridos novos elementos a sua



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

coleção, cada novo item adquirido, acaba, de fato, contribuindo mais para uma espécie de contaminação da recordação, do que para um lembrar puro, já que esses objetos permitem apenas uma materialização fracionada das recordações desse colecionador e não a completa e fiel reconstrução de suas memórias.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Referências

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Editora da Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2010.

AURICCHIO, P.; SALOMÃO M. G. Técnicas de Coleta e Preparação de Vertebrados. São Paulo, SP: Instituto Pau Brasil Historia Natural, FAPESP, 2001.

BAITELLO, Norval. **O animal que parou os relógios**: Ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**: Padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 239 – 283.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Belo Horizonte/São Paulo, 2009.

CAMARGO, Amábilio José Aires de Camargo. et al. Coleções entomológicas: legislação brasileira, curadoria e taxonomia para as principais ordens. Brasília: Embrapa, 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CHIESA, Alexandre Felix da Silva; MODENA, Guilherme Modena; DIEI, Marcelo. **Coleção Entomológica**. In: Mostra Nacional de Iniciação Científica e Tecnológica Interdisciplinar – VI MICTI, 2013, Camboriú. Instituto Federal Catarinense, 2013.

COSTA, Maria Cristina Castilho. O Objeto, o Colecionador e o Museu. In: Imaginário. **Revista do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória NIME/Universidade de São Paulo**. São Paulo, nº 2. Jan/95.

DOUGLAS, Mary; BARON, Isherwood. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura é memória**. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/24/14-jerusa.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

FONSECA, Rúbia Santos. VIEIRA, Milene Faria. **Coleções botânicas com enfoque em herbário**. Viçosa – MG: Editora UFV, 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.





COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. In: **Episteme**. Porto Alegre, nº 20. Jan/Jun, 2005. p. 13 – 23.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: O espírito do tempo – 1 - NEUROSE. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Portugal: Europa – América, 2000.

ROCHA, E. V. **Taxidermia como ferramenta de educação ambiental**. 9º Companhia Independente de Polícia Militar de Meio Ambiente e Trânsito Rodoviário, 2010.

SILVA, Valéria Mara Silva; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Orquidofilia com ciência: colecionismo e divulgação na revista Orquídea. In: **Colecionismo, prática de campo e representações**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 169 – 182.

SILVEIRA, Paulo Roberto. **Fundamentos da Medicina Legal**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

SLATER, Dan. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In: **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006. p. 67 – 90.

SOBRENOME, Nome. **Título**: subtítulo. Local: Editora, Ano.

SOBRENOME, Nome. **Título**: subtítulo. Local: Editora, Ano.